

O Aprendizado Moral Segundo o Espiritismo

1. Considerações Iniciais

Allan Kardec foi o grande responsável pela formulação do Espiritismo, um sistema de pensamento de bases científicas, estrutura filosófica e consequências religiosas. Uma empreitada ousada, sem dúvida, mas de resultados espantosamente profundos. De fato, a lógica, o bom senso, a organização, a clareza do pensar e da linguagem de Kardec impressionam a maioria das pessoas que decidem estudá-lo a fundo.

Kardec não só foi um homem de cultura geral invejável, mas era conhecido também como um destacado pedagogo, tendo sido educado em Yverdon, na Suíça, na escola do famoso Heinrich Pestalozzi. Este seu pendor para a educação vai permear toda a organização da Doutrina Espírita, desde a forma como suas obras foram estruturadas (partes, capítulos, sequência dos temas, etc.), passando até mesmo pelo modo propedêutico de elaborar inúmeras questões em O Livro dos Espíritos, pois em muitas delas a própria pergunta já traz, por si só e independentemente da resposta que se seguirá, uma série de ensinamentos.

Outro exemplo claro do espírito educador de Kardec pode ser encontrado no capítulo “Do Método”, constante de “O Livro dos Médiuns”. Ali, mais uma vez podemos ver a forte preocupação do mestre lionês ao sugerir o modo mais sensato que os adeptos sinceros do Espiritismo deveriam seguir a fim de fazer prosélitos. Conselhos úteis, sem dúvida, tanto mais quando é natural para aquele que ama uma doutrina ou ciência tentar apresentá-la a outras pessoas lecionando seus fundamentos, até porque *“ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências”*¹. Assim é que também percebemos ao longo de toda a obra de Kardec, tanto nos livros que formam aquilo que ficou conhecido como “pentateuco”, como também nas edições da Revista Espírita, uma preocupação constante em fazer desta Doutrina algo acessível a todos os públicos, mas sem que com isso se relegue a profundidade e o rigor científico e filosófico a patamares menos importantes.

Encontramos esta atenção com o rigor e a clareza do ensino não apenas no modo de apresentar e explicar os preceitos e a lógica espíritas, mas, sobretudo, naquilo que

¹ O Livro dos Médiuns, Cap. III (Do Método), item 18.

constitui seu principal objetivo: o melhoramento moral do homem². Mas o que o Espiritismo propõe como método de aprendizado moral? Qual o sistema filosófico que ele cria – se é que cria – ou adota?

Quando falamos de sistemas filosóficos éticos³, podemos encontrar, no seio das nossas tradições, três escolas principais, quais sejam: 1) a ética deontológica (do dever); 2) a ética das virtudes (do caráter); e 3) a ética utilitarista. Pois bem. Quando estudamos a fundo o Espiritismo, percebemos que a sua proposta de aprendizado ético para o homem (Espírito), seja ele em que fase da vida for (infância, idade adulta, velhice), tanto no que diz respeito ao modo de aprendê-la como de ensiná-la, não se filia de maneira rígida e exclusiva a nenhuma destas três escolas/teorias éticas. Na verdade, a Doutrina Espírita acaba por admitir a aplicação de todas elas, a depender das circunstâncias morais que sejam defrontadas pelo indivíduo. Vejamos como isto acontece.

2. Ética Deontológica (Dever)

Na primeira destas correntes éticas (deontologia), temos a prevalência do foco nas obrigações e proibições (leis morais), onde o motor do agir não seria propriamente a felicidade, pelo menos enquanto objetivo primário, mas o cumprimento do puro dever, o qual, ainda que seja cumprido contra a nossa vontade, acabaria por nos tornar dignos de uma vida feliz.

O principal teórico desta escola foi o filósofo Immanuel Kant. Após uma longa, profunda e difícil construção filosófica, este alemão acaba por resumir a obrigação moral (Dever) do indivíduo em uma lei filosófica fundamental. Esta lei é a que ele batizou de “Imperativo Categórico”, o qual prescreve o seguinte: “Age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei universal.”

Na verdade, o imperativo categórico nada mais é, enquanto norma fundamental da ética deontológica, do que uma versão mais elaborada e sofisticada da chamada

² Revista Espírita, março de 1863, Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre Questões Religiosas.

³ Sabemos que tratar as palavras “ética” e “moral” como significando a mesma coisa não é algo que se possa fazer sem evitar polêmicas, mas não pretendemos adentrar neste mérito, o que escaparia totalmente ao objetivo deste estudo. Por isso, para os fins deste artigo, é importante ficar claro que trataremos os termos “moral” e “ética”, indistintamente, ou seja, enquanto sinônimos.

“regra de ouro”, abraçada por inúmeras religiões e sábios, inclusive por Jesus, quando este disse que “*em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam*”⁴.

Em termos filosóficos, o Dever seria a necessidade de realizar uma ação por puro respeito às leis morais, independentemente de qualquer inclinação sensível ou afetiva, ou mesmo da ideia de recompensa ou castigo em virtude da ação realizada, uma vez que o seu cumprimento teria de se dar de forma desinteressada. A ideia de Dever remete ainda ao conceito de “obrigação” e nos faz perceber de imediato que ele normalmente – ou pelo menos não sempre – não é cumprido de bom grado, com alegria, com satisfação. Que o digam muitas das crianças, diante dos seus “deveres de casa”. Cumprir como o Dever, portanto, é fazer o que tem de ser feito, mesmo que isso contrarie nossa vontade, nossas inclinações, nossa natureza.

Contudo, não há nada de intrinsecamente errado em cumprir com os deveres de má vontade, dado que o grau de avanço moral dos habitantes do nosso planeta ainda é muito pequeno. Faz parte do processo de aprendizado do espírito ter de agir moralmente e conduzir-se corretamente porque se é obrigado a tanto, seja por uma lei moral ou até mesmo por força do direito. Alguém pode não matar, não roubar e não enganar apenas porque tem medo de sofrer as consequências legais de sua conduta. Ou então, caso consiga escapar da polícia e do judiciário, este alguém pode não fazer nada disso por medo de ir para o inferno ou de ser punido por Deus. O fato é que, por mais que o indivíduo esteja longe de se tornar um santo ao se comportar assim, agindo desse modo apenas por dever, tal conduta já é muito melhor do que efetivamente matar, roubar e enganar o próximo, lógica esta que o Espiritismo acolhe em questões como a 641 de O Livro dos Espíritos:

641. Será tão repreensível desejar o mal quanto fazê-lo?

“Depende. Há virtude em resistir-se voluntariamente ao mal que se deseje praticar, sobretudo quando haja possibilidade de satisfazer-se a esse desejo. Se apenas não o pratica por falta de ocasião, é culpado quem o deseja.”

É possível verificar a adoção do Dever como parâmetro ético a ser seguido pelo Espiritismo em inúmeras outras passagens das obras de Kardec. Porém, a mais emblemática de todas, e que talvez sintetize todas as suas implicações, é a contida no capítulo XVII, item 07, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, do qual destacamos os seguintes trechos:

⁴ Evangelho de Matheus, cap. 7, versículo 12.

7. *O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem.*

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O aguilhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? Onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.

(...).

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento. (...) - Lázaro. (Paris, 1863.)

Contudo, como já deve ter sido possível perceber, apenas cumprir o Dever não é suficiente. Precisamos, sim, nos sujeitar a obrigações, mas não podemos nos contentar apenas com o fato de nos encontrar submetidos e submetendo-nos a elas. Necessitamos de algo mais, e é aí que entra em cena uma outra corrente moral: a Ética das Virtudes.

3. Ética das Virtudes

A tradição desta escola ética (Virtudes) começa com os gregos, notadamente Sócrates, Platão e Aristóteles, e continua com muitos outros filósofos, concentrando-se a sua linha mestra na formação do caráter do indivíduo a partir da *práxis* efetiva das virtudes, observando-se para isso o exemplo e os ensinamentos dos sábios e santos para a vida prática, voltados para as condutas que propiciariam uma vida boa.

À parte as anfibologias que são aplicáveis à maioria dos conceitos filosóficos, devemos aqui entender as Virtudes como sendo o esforço que empreendemos para nos

comportar bem, uma disposição adquirida pela nossa natureza íntima para fazer o que é correto. Assim é que temos como virtudes a generosidade, a justiça, a boa fé, a compaixão, a tolerância, a temperança, dentre muitas outras.

Agir virtuosamente não é possível sem esforço, mas, diferentemente do que se dá com o Dever, a *práxis* virtuosa já exige de quem a pratica, para que possa ser considerada enquanto tal, uma boa dose de alegria e prazer decorrentes da sua própria realização.

Este tema é tão importante na filosofia espírita que o estudo das virtudes e dos vícios, feito com maiores minúcias nas questões 893 a 906 de O Livro dos Espíritos, está inserida em um capítulo intitulado “Da Perfeição Moral”.

Tendo sido criados espíritos simples e ignorantes⁵, nossa consciência pode se assemelhar, em suas origens, a uma tábula rasa ou um papel em branco, com pouquíssima capacidade de efetuar escolhas (livre-arbítrio)⁶. Assim é que para uma compreensão profunda do que seja a Ética das Virtudes é muito importante conhecer os exemplos dados por homens e mulheres que viveram vidas virtuosas, sejam eles filósofos, religiosos, sábios, pensadores, professores, líderes sociais, políticos, dentre outros. A Doutrina Espírita a toda hora menciona a importância dos exemplos, inclusive apontando Jesus como o principal a ser observado como o tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo⁷. Essa importância dos exemplos concretos e honestos, em detrimento das formas e meras aparências exteriores, é reforçada em várias outras passagens das obras de Kardec, dentre elas as questões 206⁸, 654⁹, 804¹⁰, 904¹¹ e 917¹² de O Livro dos Espíritos. Também percebemos isto quando

⁵ Questão 115 de O Livro dos Espíritos.

⁶ Mostrando que o livre-arbítrio se desenvolve à medida que o espírito progride, e não que ele seja uma característica inata ao Espírito, veja-se as questões 122, 262, 540, 564, 609, 780, 844, 847 e 849 de O Livro dos Espíritos.

⁷ Questão 625 de O Livro dos Espíritos.

⁸ “(...). Em vós não se refletem os méritos de que eles gozem, senão na medida dos esforços que empregais por seguir os bons exemplos que vos deram. Somente nestas condições lhes é grata e até mesmo útil a lembrança que deles guardais.”

⁹ “(...). Mau exemplo dá todo aquele cuja adoração é afetada e contradiz o seu procedimento. (...)”

¹⁰ “(...). Ademais, sendo *solidários entre si todos os mundos*, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo.”

¹¹ (...). Se o escritor apenas visa produzir escândalo, não faz mais do que proporcionar a si mesmo um gozo pessoal, apresentando quadros que constituem antes mau do que bom exemplo.

os Espíritos nos falam sobre os efeitos práticos das orações, pois, como explica Kardec na questão 661 de O Livro dos Espíritos, *“as boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais que as palavras”*.

Mas Jesus, dada a sua perfeição e pureza moral, acaba sendo um exemplo muito distante e difícil de ser seguido. Mas isto não é um problema, desde que tenhamos a humildade de buscar outros mais próximos, não tão distantes quanto o de Jesus, a fim de usá-los como referência para o nosso aprendizado moral. Este exemplo pode ser o de um simples professor, um amigo, um familiar ou então algum personagem histórico com o qual nos identificamos. Mas, independentemente de quem escolhamos, ele terá de ser melhor e mais sábio do que nós, a fim de que possamos perseguir o seu exemplo de vida como meta para as nossas próprias existências. Aliás, foi seguindo essa lógica que Kardec nos sugeriu que, ao fazermos preces para os nossos anjos guardiões, *“podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire”*.¹³

Encontramos recomendação semelhante inclusive no pensamento de materialistas lúcidos, como André Comte-Sponville, ao nos lembrar primeiro do conselho de Epicuro de que *“é preciso escolher um homem de bem e tê-lo constantemente diante de nossos olhos, de maneira a viver como que sob seu olhar e a realizar todas as nossas ações como se ele as visse”*, para depois complementar dizendo que *“viver moralmente, isto é, viver dignamente (kalôs) é ‘viver de maneira a nunca sentir vergonha’, isto é, vedando-se tudo o que poderia acarretar não o ridículo ou o desprezo da multidão (seria indigno preocupar-se com isso), mas o desprezo do homem de bem que escolhermos como nosso juiz (imaginário, pelo menos), como amigo ou como modelo. A moral é, nesse sentido, uma questão de imagem, mas de uma imagem verídica: trata-se de não fazer nada que seja incompatível com a imagem de mim, tal como quero que ela possa aparecer ao olhar (supostamente onisciente) de certo amigo ou mestre meu. (...). Cabe, pois, a você escolher tanto seus juizes como sua glória”*.¹⁴ Portanto, educar-se moralmente é escolher para si um exemplo de vida, como

(...), se o escritor tem empenho em provar a sua sinceridade, apoie o que disser nos exemplos que dê.”

¹² (...). Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contato. (...).

¹³ O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXVIII, Coletânea de Preces Espíritas, II, Preces por aquele mesmo que ora: aos Anjos Guardiões e aos Espíritos Protetores.

¹⁴ SPONVILLE, André Comte. Viver. Martins Fontes, São Paulo, 2008, p. 157.

também – na medida das possibilidades de cada um – ensinar aos outros ao tentar servir de exemplo aos filhos, aos amigos, aos familiares e à sociedade.

4. Utilitarismo

Por fim, temos a teoria ética utilitarista, que poderia ser definida, em apertada síntese, como sendo aquela que prescreve que a conduta moral correta a ser seguida pelo homem é a que traz a maior quantidade de bem para o maior número de pessoas. O utilitarismo é a corrente filosófica que prescreve que há o bem sempre que a conduta em questão trouxer felicidade e – o que de certa forma é o mesmo – menos dor e sofrimento para a maioria, mesmo que esta conduta possa eventualmente prejudicar uma minoria. Os filósofos ingleses John Stuart Mill e Jeremy Bentham são os dois maiores expoentes desta escola.

O estudioso mais apressado da Doutrina Espírita, após ter percebido o acolhimento da ética deontológica e da ética das virtudes no seio da filosofia espírita, pode até achar que ela não reservaria espaço também para soluções utilitaristas. Não é o que vemos, notadamente após a leitura de questões como estas de O Livro dos Espíritos:

359. No caso em que o nascimento da criança puser em perigo a vida da mãe, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

“Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.”

744. Que objetivou a Providência, tornando necessária a guerra?

“A liberdade e o progresso.”

748. Em caso de legítima defesa, escusa Deus o assassinio?

“Só a necessidade o pode escusar. Mas se o agredido puder preservar sua vida sem atentar contra a de seu agressor, deverá fazê-lo.”

Rapidamente vimos três casos – aborto, guerras e homicídio cometido em legítima defesa – nos quais algumas condutas, vistas isoladamente e fora de contexto, poderiam significar para um partidário exclusivo do Dever ou das Virtudes a existência de uma conduta moralmente inapropriada. Mas não é este o caso. Como percebemos, há casos em que o aborto, a guerra e homicídio cometido em legítima defesa podem se justificar. E tais posturas se fundamentam na ética utilitarista.

Como exemplo deste ecletismo filosófico, devemos lembrar ainda que os Espíritos não costumam dar critérios objetivos e absolutos de comportamento moral em questões que procuraram, p. ex., definir os limites para a riqueza. Senão vejamos:

Nada tem de absoluto o limite entre o necessário e o supérfluo. A civilização criou necessidades que o selvagem desconhece. Os Espíritos que ditaram os preceitos acima não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo, cabendo à razão regradar as coisas.”¹⁵

5. Os Labirintos da Moral

Mas alguém poderia objetar: “Pra que todas estas escolas? Jesus já disse o que era preciso ao afirmar que o que temos de fazer é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. De fato, Jesus já resumiu, de maneira simples, aquilo que é o essencial. Mas quem disse que já somos capazes de vivenciar essa simplicidade?

Quando afirmamos que algo é simples de ser feito isto não significa que seja fácil. Afinal, “o que há de mais complicado do que uma rosa, para quem a quer compreender? O que há de mais simples, para quem não quer nada? Complexidade do pensamento: simplicidade do olhar”¹⁶. Michelangelo, por sua vez, afirmava que a escultura é “a arte de retirar excessos”. Simples, porém basta imaginar a nossa tentativa de reproduzir obras suas como “Davi” ou “Pietà” e logo vislumbraremos que não temos acesso à simplicidade de Michelangelo. A este propósito, vale ainda lembrar que hoje em dia utilizamos *tablets* e *smartphones* que são de uma simplicidade espantosa, alguns dos quais possuem apenas um botão e que são operados com desenvoltura por crianças que mal sabem falar. Aparelhos simples, sem dúvida, mas que só são possíveis de existir devido ao acúmulo de milênios de complexos conhecimentos pela civilização humana.

Tudo isso serve para mostrar como a fórmula de “amar as pessoas” como receita de felicidade é, a despeito de verdadeira, ingênua quando tentamos aplicá-la sem reflexão. Afinal de contas, o que é “amor”? Quando perguntamos isso, p. ex., a pessoas diferentes podemos ser surpreendidos com respostas as mais diversas, quando não contraditórias. E quando não somos capazes de amar? Afinal, como dizia Kant, “o amor

¹⁵ Comentários à questão 717 de O Livro dos Espíritos.

¹⁶ SPONVILLE, André Comte. Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. Martins Fontes, SP, 2010, p. 164.

não se comanda”. Eu digo para meu filho de oito anos, à hora do almoço, para que ele “goste (ame) os legumes e as verduras”! Ao que o garoto poderia muito bem responder: “Mas papai, eu aprendi com Kant que o amor não se comanda, portanto eu não posso escolher amar o que não gosto! Eu amo mesmo é pizza e lasanha!” Tal como se dá com verduras e crianças, da mesma forma temos dificuldade enormes para escolher quem iremos amar ou deixar de amar. Quem já se apaixonou, ou quis se apaixonar e não conseguiu, sabe muito bem disso...

Porque ainda não conseguimos viver e pensar de modo simples é que milhares e milhares de páginas já foram escritas por filósofos, psicólogos, sociólogos, poetas, romancistas, pedagogos, etc. para, frequentemente, se chegar em essência à mesma conclusão do Cristo: a de que precisamos amar: amar a vida, o universo e as pessoas. Contudo, tendo sido criados espíritos simples e ignorantes, é impossível, após o decurso de poucas encarnações, aprender a amar dessa forma, a tudo e a todos, incondicionalmente, da forma como prescrito por Jesus.

Os sintomas desta ignorância são sentidos por nós em muitas situações práticas que vivemos, diante das quais não conseguimos vislumbrar respostas prontas e acabadas para aquela que é a questão ético-filosófica fundamental: o que devo fazer (como devo me comportar)? Em alguns casos, é fácil escolher, assim como é fácil diferenciar o preto do branco. Em alguns momentos não teremos dificuldades em optar entre o dever, a virtude ou uma solução utilitarista. Mas em outras situações, nas quais somos chamados a fazer escolhas morais, defrontamos tonalidades de cinza dotadas de sutilezas que já não nos permitem decidir de modo tão simples. Daí porque os chamados “dilemas morais”, apresentados por muitos pensadores ao longo da história da filosofia, são questões para as quais não há respostas precisas e exatas. Frequentemente nos vemos dentro de labirintos morais difíceis de escapar, ou para os quais não há saída a não ser que tenhamos de “quebrar” algumas das paredes que foram construídas com as nossas convicções éticas. Por isso precisamos passar por muitas etapas intermediárias neste processo de aprendizado moral, e assim nenhum método pode ser negligenciado, desde que eles sejam úteis e nos façam avançar em nosso melhoramento íntimo.

Filósofos como Michael Sandel nos dão belos exemplos de como alguns dilemas morais, ainda que teóricos, não comportam uma única resposta possível:

“Suponha que você seja o motorista de um bonde desgovernado avançando sobre os trilhos a quase 100km por hora. Adiante, você vê cinco

operários em pé nos trilhos, com as ferramentas nas mãos. Você tenta parar, mas não consegue. Os freios não funcionam. Você se desespera porque sabe que, se atropelar esses cinco operários, todos eles morrerão (suponha que você tenha certeza disso).

De repente, você nota um desvio para a direita. Há um operário naqueles trilhos também, mas apenas um. Você percebe que pode desviar o bonde, matando esse único trabalhador e poupando os outros cinco.

O que você deveria fazer? Muitas pessoas diriam: ‘Vire! Se é uma tragédia matar um inocente, é ainda pior matar cinco.’ Sacrificar uma só vida a fim de salvar cinco certamente parece ser a coisa certa a fazer.

Agora considere outra versão da história do bonde. Desta vez, você não é o motorista, e sim um espectador, de pé numa ponte acima dos trilhos (desta vez não há desvio). O bonde avança pelos trilhos, onde estão cinco operários. Mais uma vez, os freios não funcionam. O bonde está prestes a atropelar os operários. Você se sente impotente para evitar o desastre – até que nota, perto de você, na ponte, um homem corpulento. Você poderia empurrá-lo sobre os trilhos, no caminho do bonde que se aproxima. Ele morreria, mas os cinco operários seriam poupados. (Você pensa na hipótese de pular sobre os trilhos, mas se dá conta de que é muito leve para parar o bonde.)

Empurrar o homem pesado sobre os trilhos seria a coisa certa a fazer? Muitas pessoas diriam: “É claro que não. Seria terrivelmente errado empurrar o homem sobre os trilhos.”

Empurrar alguém de uma ponte para uma morte certa realmente parece ser uma coisa terrível, mesmo que isso salvasse a vida de cinco inocentes. Entretanto, cria-se agora um quebra-cabeça moral: Por que o princípio que parece certo no primeiro caso – sacrificar uma vida para salvar cinco – parece errado no segundo?¹⁷

Assim é que, ao contrário do que poderíamos achar, ainda existem muitos dilemas éticos que até hoje são objeto de intensos debates, com cada lado defendendo suas convicções a partir de belos fundamentos, mas nenhum deles capaz de ser tido como “o argumento definitivo”, capaz de encerrar a discussão de uma vez por todas.

A despeito da beleza do convite de Jesus para a simplicidade, enfim, a verdade é que nós ainda amamos muito pouco, muito poucos e muito mal. É por isso, pelo fato de sermos ainda cheios de imperfeições, e por ainda amarmos de forma tão precária, que nós precisamos nos imbuir de humildade e não negligenciar nenhuma etapa do processo. Daí porque precisamos nos valer de todo tipo de catapulta ética que nos conduza a ser melhores do que somos, ou seja, que nos permita evoluir moralmente.

Justamente por vivermos ainda em um mundo no qual não temos acesso às verdades puras e acabadas, inclusive as de natureza ética, é que não podemos ser

¹⁷ SANDEL, Michael. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 2011, p. 30.

radicais na adoção de apenas um tipo de sistema que envolva a adoção e aplicação de valores morais, sejam eles de natureza filosófica e/ou religiosa. É o que foi dito, aliás, na questão 628 de O Livro dos Espíritos, onde nos restou ensinado que *“para o estudioso, não há nenhum sistema antigo de filosofia, nenhuma tradição, nenhuma religião que seja desprezível, pois em tudo há germens de grandes verdades que, se bem pareçam contraditórias entre si, dispersas que se acham em meio de acessórios sem fundamento, facilmente coordenáveis se vos apresentam, graças à explicação que o Espiritismo dá de uma imensidade de coisas que até agora se vos afiguraram sem razão alguma, e cuja realidade está hoje irrecusavelmente demonstrada. Não desprezeis, portanto, os objetos de estudo que esses materiais oferecem; são muito ricos e podem contribuir grandemente para vossa instrução.”*

Assim é que podemos constatar que o Espiritismo, por si só, também não traz solução para todo e qualquer problema ético. Ele nos aponta caminhos, e nos ensina a ter a mente aberta e o pensamento alargado, sem nunca desprezar aquilo em que as filosofias e as ciências podem nos instruir. Daí o porquê do alerta de que uma crença cega na infalibilidade da razão seria equivocada¹⁸. Por isso é que, como vimos, iremos encontrar nas obras de Allan Kardec ideias que dão acolhida a não apenas uma das correntes ético-filosóficas das quais falamos, ou a uma nova teoria ética eventualmente inaugurada pelo Espiritismo – o que em termos filosóficos não ocorreu¹⁹ –, mas às três (Deveres, Virtudes e Utilitarismo) que, embora aparentemente inconciliáveis entre si, podem, juntas, colaborar fortemente para o amadurecimento do nosso livre-arbítrio, do nosso bom senso, da nossa capacidade de julgar e da nossa razão.

6. Conclusões

Por fim, é importante observar que a separação das escolas éticas é muito mais didática do que prática. As escolhas que fazemos em nossas vidas mostram que elas

¹⁸ 75, a) – Por que nem sempre é guia infalível a razão? *“Seria infalível, se não fosse falseada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”*

¹⁹ Allan Kardec frequentemente esclarecia que o Espiritismo não trouxe nenhuma novidade filosófica em termos morais. É o que constatamos em passagens como a seguinte: *“Essas revelações do outro mundo, dizeis, não têm nem mesmo o mérito da novidade. Seria, pois, um mérito a novidade? Quem alguma vez afirmou que isto foi uma descoberta moderna? Essas comunicações, sendo uma consequência da Natureza e produzindo-se pela vontade de Deus, fazem parte das leis imutáveis com as quais ele rege o mundo.”* (Revista Espírita, Maio de 1859, Refutação de um artigo de l'Univers)

frequentemente se misturam em nosso palco mental, inclusive quando verificamos que há indivíduos que ainda agem por dever diante de determinadas circunstâncias, mas já atuam virtuosamente ou de forma utilitária em outras.

Vimos ainda que a meta final de aprendizado do Espírito é aprender a amar. Até porque quem ama não se preocupa mais com o cumprimento do Dever, com as Virtudes ou com a Utilidade de sua conduta. A maioria das mães não alimenta seus filhos por dever, por generosidade ou por que isso lhe seja útil. Elas simplesmente cuidam de seus filhos porque os amam. Por isso André Comte-Sponville explica que:

“Não nascemos virtuosos, mas nos tornamos. Como? Pela educação: pela polidez, pela moral, pelo amor. A polidez, como vimos, é um simulacro de moral: agir polidamente é agir ‘como’ se fossemos virtuosos. Pelo que a moral começa, no ponto mais baixo, imitando essa virtude que lhe falta e de que no entanto, pela educação, ela se aproxima e nos aproxima. A polidez, numa vida bem conduzida, tem por isso cada vez menos importância, ao passo que a moral tem cada vez mais. (...). Mas isso é apenas o início de um processo, que não poderia deter-se aí. A moral, do mesmo modo, é um simulacro de amor: agir moralmente é agir ‘como’ se amássemos. Pelo que a moral advém e continua, imitando esse amor que lhe falta, que nos falta, e de que no entanto, pelo hábito, pela interiorização, pela sublimação, ela também se aproxima e nos aproxima, a ponto às vezes de se abolir nesse amor que a atrai, que a justifica e a dissolve. Agir bem é, antes de mais nada, fazer o que se faz (polidez), depois o que se deve fazer (moral), enfim, às vezes, é fazer o que se quer, por pouco que se ame (ética). Como a moral liberta da polidez consumando-a (somente o homem virtuoso não precisa mais agir como se o fosse), o amor, que consuma por sua vez a moral, dela nos liberta: somente quem ama não precisa mais agir como se amasse. É o espírito dos Evangelhos (‘Ama e faz o que quiseres’), pelo que Cristo nos liberta da Lei, explica Spinoza, não a abolindo, como queria estupidamente Nietzsche, mas consumando-a (‘Não vim para revogar, vim para cumprir’), isto é, comenta Spinoza, confirmando-a e inscrevendo-a para sempre ‘no fundo dos corações’.”²⁰

Ame, e faça o que quiser! Mas ame primeiro! E enquanto isso não for possível, não desprezemos o ensinamento de nenhuma escola ética que nos possa ajudar a ser e a fazer o nosso melhor, de modo a nos tornarmos aquele que *“todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera”*²¹.

²⁰ SPONVILLE, André Comte. Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. Martins Fontes, SP, 2010, p. 243.

²¹ O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XVII, O Homem de Bem, item 3.